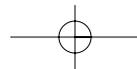


Proémio¹

Já vezes sem conta, no passado, ao reflectir sobre a questão, me surpreendi (e talvez nem encontre resposta para essa surpresa): como é que, estando a Grécia sob um mesmo céu e recebendo nós, os Gregos, uma formação semelhante, conseguimos ser tão diferentes na maneira de ser. 2 Realmente, meu caro Pólicles, há quanto tempo venho observando a natureza humana, ao longo dos meus 99 anos de vida², e tomando contacto com as personalidades mais variadas. E depois de cotejar minuciosamente as criaturas sérias com as desonestas, cheguei à conclusão de que devia sintetizar a forma como, na vida, procedem umas e outras. 3 Vou-te expor, por categorias, os diversos tipos de personalidade que as caracterizam e o modo como actuam. Estou, de resto, convencido, Pólicles, de que, graças a estas notas que lhes lego, os nossos filhos poderão aperfeiçoar-se, e de que, perante esses modelos, não hão-de querer frequentar e conviver senão com gente de qualidade, de modo a não lhe ficarem atrás. 4 Passo agora ao assunto propriamente dito: e tu trata de o acompanhar como ele merece e de ver se me exprimo como ele merece. Vou, antes de mais, considerar os dissimulados, sem mais preâmbulos e circunlóquios sobre o assunto. 5 É, por-



tanto, pela dissimulação que vou começar; vou defini-la, a seguir passo a descrever o dissimulado, quais as suas características e tendências. Quanto às restantes deformações, de acordo com o plano estabelecido, tentarei igualmente dilucidá-las, por categorias.

I

O dissimulado³

Dissimulação, entendida em sentido genérico, é uma espécie de afectação de inferioridade nos actos e nas palavras. Eis o perfil do dissimulado. 2 Anda atrás dos inimigos, a querer meter conversa com eles, sem mostrar que os detesta. Na presença dos interessados, dirige elogios àqueles mesmos de quem acabou de dizer mal pelas costas; e se os vê na mó de baixo, manifesta-lhes solidariedade. Mostra compreensão com quem o difama e com as críticas que lhe fazem. 3 Com a vítima de uma qualquer injustiça, que está furiosa, o dissimulado adopta um tom impassível. Se alguém insiste que tem urgência em lhe falar, manda-o voltar mais tarde. 4 Não confessa nunca o que anda a tramar, diz sempre que ainda não tomou nenhuma decisão. Finge que acaba de regressar, que já chegou tarde demais, que tem andado adoentado⁴. 5 A quem lhe vem pedir dinheiro emprestado a juros ou uma contribuição...⁵ que não vende; se não quer vender, diz que vende. Ao que lhe chegou aos ouvidos finge não ter prestado atenção; o que viu diz não ter visto. Se concordou, diz que não se lembra. E ora afirma que já reflectiu no caso, ora que não sabe de nada, ou que foi apanhado de surpresa, ou que já em tempos ele próprio tinha chegado à mesma conclusão. 6 Em suma, é um génio em fraseado do tipo: «não posso crer»; «não consigo entender»; «estou pasmado»; «pelo que me dizes, o tipo

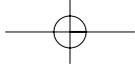
deve-se ter passado, porque para mim isso não faz qualquer sentido»; «até parece mentira»; «vai contar essa a outro»; «nem sei se hei-de duvidar do que me dizes, se pensar mal do sujeito»; «vê lá se não estarás a ser anjinho».

7 É este o género de paleio, de enredos, de contradições a que é dado um dissimulado. Com gente retorcida e falsa como esta, é preciso ter mais cuidado que com as víboras.

II

O bajulador⁶

A bajulice define-se como uma prática degradante, mas lucrativa para o adulator. Eis o perfil do bajulador. 2 Durante um passeio, diz ao companheiro: «Estás a reparar como toda a gente olha para ti? É coisa de que, na cidade, ninguém se pode gabar senão tu.» «Ontem, lá no pórtico⁷, passaram-te um elogio. Estavam para cima de trinta pessoas por ali sentadas; e quando se pôs a questão de saber quem era o tipo mais distinto da cidade, foi por ti que todos começaram, para acabarem por voltar outra vez ao teu nome.» 3 E, com outras tiradas do mesmo estilo, arranca-lhe um borboto⁸ do casaco, ou tira-lhe dos cabelos qualquer palhita que o vento lá tenha deixado. E a sorrir, vai dizendo: «Estás a ver? Há só dois dias que te não vejo, e a quantidade de brancas que te apareceram na barba. Se bem que se diga que, para a tua idade, tens uma barba bem preta»⁹. 4 Se o parceiro abre a boca para falar, o bajulador manda calar toda a gente; se o outro estiver apenas a ouvir, não lhe poupa elogios; se faz uma pausa, ele vá de aprovar: «Bravo, muito bem!» Um tipo diz uma piada insossa, ele desata às gargalhadas, a tapar a boca com o casaco como se não pudesse conter o riso. 5 A quem quer que se lhe apresente pela frente, manda parar, para dar passagem a Sua

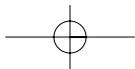


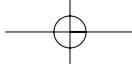
Excelência. 6 Compra maçãs e peras para levar às crianças e dá-lhas diante do pai; a distribuir beijos à garotada, vai comentando: «Quem sai aos seus não degenera»¹⁰. 7 Se acompanha um fulano ao sapateiro, afirma que o pé dele tem muito melhor proporção que o sapato. 8 Se se vai de visita a um amigo, o bajulador corre à frente a avisar: «Fulano vem aí!»; depois, volta atrás a dizer: «Já fui prevenir.» 9 E naturalmente também não se importa de andar pelas lojas das mulheres a fazer compras, sem sequer tomar fôlego¹¹. 10 É o primeiro dos convidados a gabar o vinho e dos presentes a dizer: «Que requinte de refeição!» Depois deita mão a qualquer coisa de cima da mesa e elogia: «E isto aqui?! Petisco de primeira!» Criva um tipo de perguntas: se tem frio, se quer vestir alguma coisa, se quer que lhe ponha um agasalho pelas costas. E meu dito, meu feito, pendura-se-lhe ao ouvido a bichanar segredos; não lhe tira os olhos de cima, enquanto fala com o resto do grupo. 11 No teatro, tira as almofadas da mão do escravo e coloca-as ele mesmo. 12 Elogia a arquitectura de uma casa, o viço dos campos, a fidelidade de um retrato¹². 13 Em resumo, o bajulador pode ver-se a dizer e a fazer sempre todo o possível para cativar as boas graças.

III

O tagarela¹³

Tagarelice é a arte dos discursos imensos e sem nexos. Eis o perfil do tagarela. 2 Senta-se ao lado de um fulano que não conhece de parte nenhuma e começa por lhe fazer o elogio da própria mulher. Depois conta-lhe o sonho que teve na noite anterior; por fim, desfia-lhe, tim-tim por tim-tim, o que comeu ao jantar. 3 Conversa puxa conversa, diz-lhe que a gente de hoje em dia é uma cambada de patifes se comparada com





o que era dantes; que o grão, na praça, está pelo preço da chuva; que há estrangeiros por tudo quanto é sítio; que o mar, das Dionísias para cá¹⁴, tem estado navegável; 4 que se Zeus mandasse mais chuva, fazia muito bem à terra; qual o campo que tenciona cultivar no ano seguinte; que a vida está pelas ruas da amargura; que Damipo, nos Mistérios, empunhava uma tocha enorme¹⁵; quantas são as colunas do Odeón¹⁶; «ontem fartei-me de vomitar» e «quantos são hoje?» 5 E se o aturam, nunca mais despega: «Que os Mistérios são em Setembro, as Apatúrias¹⁷ em Outubro e, em Janeiro, as Dionísias Rurais.»

6 De tipos desta força é preciso fugir a sete pés e passar de largo, se se quiser evitar uma enxaqueca. É obra aguentar um parceiro que não sabe distinguir o que é ter tempo livre ou estar ocupado.

IV

O parolo¹⁸

Parolice é uma espécie de desconhecimento das conveniências. Eis o perfil do parolo. É tipo para emborcar umas sopas de cavalo cansado¹⁹ antes de sair para a assembleia, e para se pôr a argumentar que não há cheiro mais agradável do que o do tomilho. Usa uns sapatos grandes demais para o pé²⁰. Fala alto e bom som. 2 Desconfia de amigos e parentes e, em contrapartida, é à criadagem que vai confidenciar os assuntos de maior importância. 3 De regresso da assembleia, vem contar aos assalariados que lhe trabalham os campos tudo o que lá se passou. 4 Ao sentar-se puxa o manto acima dos joelhos, de modo que fica com as pernas à mostra. 5 Na rua não há nada que o surpreenda ou o espante, mas se vê um boi, um burro, um bode, fica pasmado a olhar. 6 É menino para ir à dispensa

